

# “O Falcão Maltês”: a lógica em análise documentária

**Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha**

Prof. Dep. de Biblioteconomia e Documentação

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo

01000 São Paulo, SP

**Resumo** – Tomando, como objeto de análise, o “Falcão Maltês”, de Dashiell Hammett, procede-se ao levantamento das características de um romance policial tendo em consideração tanto os objetivos da disciplina lógica proposta no currículo de Biblioteconomia, como a interface com Análise Documentária.

O novo currículo de Biblioteconomia (CFE, 01/09/1982) introduz como matéria instrumental a Lógica, com a seguinte ementa: “o ato de pensar. Percepção, juízo e raciocínio. Indução e dedução. Termos, conceitos e teorias”. A formalização do pensamento é introduzida com os seguintes objetivos “capacidade para compreender, analisar e aplicar as leis do pensamento formal, que possibilite ao bibliotecário desenvolver raciocínio e pensamento correto no desempenho de suas funções”.

Da ementa e objetivos, podemos inferir o entendimento da Lógica dentro de uma perspectiva clássica de “arte de bem-pensar”, assim como de formadora de raciocínios corretos e “verdadeiros”.

Independentemente da opção explícita pelo ensino da “Lógica Clássica e Aristotélica”, em detrimento das Lógicas Modais, Argumentativas ou outras (baseadas, claro, na Lógica Aristotélica), a introdução desta disciplina levou-nos a equacionar o problema de como ministrá-la a alunos que não tiveram contato quer com Filosofia, quer com a Matemática, em suas interfaces com a Lógica, e cuja pergunta frente à disciplina é, obviamente: “para que é que serve isso em Biblioteconomia”? Pergunta, também, obviamente, respondida através dos objetivos oficiais da disciplina.

Neste vai-e-volta, tornou-se-nos necessário operacionalizar conceitos da Lógica dentro de um fazer pragmático em Biblioteconomia, tomando co-

mo exemplo os procedimentos envolvidos na análise de textos e posterior recuperação dos seus conteúdos.

Consideramos este enfoque o mais apropriado e didático, na medida em que temos a *Lógica*, por um lado, como instrumento (raciocínios, conceitos, idéias, operações de dedução, indução, construções epistemológicas) e por outro, como objeto – dado que se trabalha com uma língua onde se encontram embutidas funções-lógico-lingüísticas. Ao trabalharmos a *Lógica* nesta perspectiva, tornou-se-nos também possível testar algumas propostas teóricas apresentadas na publicação *Análise Documentária: a análise de síntese* (1987), nomeadamente a possibilidade de categorizar os discursos, montar uma tipologia e formalizar relações de sentido.

Com estes objetivos a serem testados, colocava-se-nos o problema de selecionar um texto. Várias foram as possibilidades e, em comum acordo com os alunos, chegou-se a uma alternativa: *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, e um romance policial. A opção pelo *O Nome da Rosa* envolvia, em nossa perspectiva, um grande investimento, por parte dos alunos, na construção tanto do universo medieval (nos seus aspectos religioso-político-filosófico e económico) como na recuperação do próprio percurso do autor-produtor, enquanto semiólogo e intelectual (Eco 1985), para além da complexidade das histórias em paralelo (determinantes de várias “lógicas”), de linguagem da época e número de páginas. Dado isto, a alternativa do romance policial tornou-se mais atraente, principalmente se incidindo a escolha numa história conhecida (por cinema, atores famosos), relativamente linear na sua narrativa (e nas suas conclusões lógicas), com estereótipos de personagens e alternativas de descrição/ação. Com estes requisitos chegamos ao “Falcão Maltês”, do escritor americano Dashiell Hammett (Hammett 1985).

Em função desta opção, iniciamos os exercícios, tentando cercar as características de um romance policial, através do levantamento do conjunto de “estruturas de informação” de domínio universal, o que permite distinguir um romance policial de um outro tipo de romance.

Como ilustração, usamos o exemplo de “fazer o bolo”, onde se parte do conhecimento geral e consensual, segundo o qual, existem determinados ingredientes básicos que precisam figurar, sempre, no momento de “fazer um bolo” (independentemente dos pesos atribuídos) e outros elementos que são alternativos, determinando o predicado/especificidade do bolo: bolo de chocolate, bolo de coco etc. Da mesma forma, pressupõe-se que existem “determinados ingredientes básicos” num romance policial. Seriam eles: crimes, vítimas, policiais, detetives, uma trama a ser deslindada – ingredientes que constituiriam como que um **catálogo de conhecimentos** adquiridos pela co-

munidade, autorizando-a a afirmar tratar-se de um romance policial, e fazendo com que combinações entre “ingredientes básicos” e “ingredientes alternativos” permitam diferenciar tramas policiais típicas de escritores como Agatha Christie ou Dashiell Hammett, e, em um sentido mais lato, perceber a trama policial existente no romance **O Nome da Rosa**, de Umberto Eco.

Acoplado ao catálogo de conhecimentos integrador das características de um romance policial, tornou-se necessário determinar os procedimentos mentais que constituiriam a singularidade de um romance policial. Isto é, existindo vítimas, crimes, policiais, detetives, que tipos de funções e raciocínios os ligariam ao longo da trama? Esta interrogação levou-nos a colocar o problema no lugar do crime e as hipóteses como sinônimos de pistas e suspeitas. Pareceu-nos, então, existir um “esquema epistemológico” em desenvolvimento na trama, onde as suposições dos detetives e/ou policiais funcionariam como “teses” (tendo como base as hipóteses enunciadas em cima do problema) a serem validadas quando da resolução da trama.

Ao levantamento deste conjunto de procedimentos, que envolvem raciocínios de **inferência** – operações intelectuais discursivas e ordenadas para a passagem do que é conhecido para o conhecimento do desconhecido (Coelho 1987), **dedução** – operação intelectual que visa concluir, de enunciados dados, conclusões corretas (Hegemberg, 1987), e **abdução** – operação intelectual baseada em dois enunciados, em que um é considerado mais importante e verdadeiro e o outro provável ou plausível (Coelho 1987), demos o nome de **catálogo de raciocínios**. Unidos deste e do catálogo anterior, entramos na análise do texto propriamente dito.

Após a leitura do 1º capítulo “Spade & Archer”, do “Falcão Maltês”, procedemos à sua segmentação com base em ações principais, determinadas tanto pela alternância de cenários (sala-escritório-sala), como pela entrada e saída de personagens (entra a secretária, entra a cliente, sai a secretária, entra o sócio, sai a cliente). Simultaneamente, procedemos à caracterização das personagens na medida em que elas são descritas e determinam estereótipos funcionais em romances policiais. Exemplificando:

SPADE – durão, canastrão, perspicaz, auto-suficiente, galã, cínico – atributos do DETETIVE

ARCHER – malandro, testá-de-ferro, solfrito – atributos do detetive SÓCIO

EFFIE PERINE – diligente, eficiente, solfrita, agradável, disponível atributos de SECRETÁRIA

WONDERLY – insinuante, misteriosa, aflita, atributos da CLIENTE

THURSBY – mau-caráter, grosseiro, truculento – atributos do VILÃO

## “O FALCÃO MALTÊS”

Esta caracterização torna-se um exercício de levantamento do vocabulário de base (relativo à caracterização das personagens) e é atribuição de palavras-chave (identificação de estereótipos), ao mesmo tempo que permite montar os dados a partir dos quais se desenvolvem as operações lógicas que constroem o romance.

Exemplificando, qual a função do detetive? Descobrir o crime realizando investigações. Se o detetive não trabalha para a polícia, tem um cliente e desenvolve investigações paralelas ou contrárias aos policiais, entrando em confronto com eles.

No entanto, a identificação das funções dos estereótipos só é possível através de descrição das ações e suas categorizações, o que pode ser realizado tanto no sentido da exaustividade (análise) como da abstração (síntese).

Por exemplo, com base no 2º capítulo, “Morte no nevoeiro”, determinar as ações principais, tendo como critério a alternância de cenários e a “classificação” das ações: isto é, determinar o que faz a singularidade (conteúdo e forma) de cada ação:

### 1ª Ação – Quarto do detetive (2:05h)

O detetive recebe um telefonema e veste-se para sair

### 2ª Ação – Beco da rua Busch

O detetive encontra os policiais, é informado do assassinato do sócio e confere o local do crime.

### 3ª Ação – Farmácia

O detetive telefona à secretária e pede-lhe que comunique a morte do sócio à esposa do mesmo.

### 4ª Ação – Apartamento do detetive (entre 3:40 e 4:30h)

O detetive chega em casa e recebe a visita de dois policiais que lhe comunicam a morte de Thursby, levantando suspeitas sobre o seu envolvimento nos dois crimes anteriores.

Contudo, o desdobramento de uma ação principal pode ter vários níveis de exaustividade, os quais dependem de relevância conferida a determinados conteúdos.

Retomando a 4ª Ação, teríamos:

4ª Ação – Apartamento do detetive (3:40 – 4:30h)

- 1 O detetive chega ao apartamento
- 2 O detetive recebe a visita dos policiais
- 3 Os policiais interrogam o detetive e o acusam
- 4 Os policiais saem
- 5 O detetive vai dormir

A mesma 4ª Ação pode envolver, ainda, uma maior exaustividade, no sentido de descrever todas as ações “secundárias” que contém:

4ª Ação – Apartamento do detetive (3:40 – 4:30h)

- 1 O detetive chega ao apartamento
- 1.1 O detetive tira o chapéu e o sobretudo
- 1.2 O detetive vai à cozinha e serve-se de Bacardi
- 1.3 O detetive senta-se na cama
- 1.4 O detetive enrola um cigarro
- 1.5 O detetive abre a porta
2. O detetive recebe a visita dos policiais
- 2.1 Os policiais entram no apartamento do detetive
- 2.2 ... (etc ...)

A identificação das ações e os seus níveis de desdobramentos possíveis tornou-se um exercício de leitura, de atribuição e relevância de conteúdos, permitindo, também, o treino com vista à seleção de conceitos/palavra-chave, capazes de refletir o texto analisado.

Simultaneamente a este exercício, procedemos à categorização, tendo como pressuposto que a língua mantém funções sintáticas e semânticas embutidas (Análise Documentária 1987), sendo que o nosso objetivo seria o de esclarecer estas últimas, em todos os níveis de ações.

Para isso, utilizamos o quadro apresentado no cap. IV da *Análise Documentária*, p.71, que determina as seguintes categorias e correspondentes perguntas:

**Agente** – quem pratica ou sofre a ação?

**Objeto** – o que sofre ou motiva a ação?

**Instrumento** – quais os meios concretos que permitem a ação consumir-se?

## “O FALCÃO MALTÊS”

**Modo** – como se realiza a ação?

**Lugar** – onde e quando se pratica a ação?

**Produto** – qual o benefício/resultado/produto da ação?

**Finalidade** – qual a intenção/fim da ação realizada?

A aplicação destas categorias a ações principais, ou desdobramentos das ações principais, mostra que elas dependem do foco de leitura (isto é de ação considerada pelo leitor como mais relevante), e nem sempre todas as categorias são preenchidas.

Ex.: No capítulo 4, “O Pássaro Preto”, teríamos três ações principais, com base na alternância de cenários.

1ª Ação – O detetive no apartamento da cliente

O detetive pede esclarecimentos à cliente sobre afirmações anteriores, acusa-a de esconder informações sobre a morte de Thursby e ameaça abandonar o caso e denunciá-la à polícia.

2ª Ação – O detetive no escritório do seu advogado

O detetive visita seu advogado, pede-lhe para conversar com a mulher do sócio e manter-se atento para um eventual confronto com a polícia.

3ª Ação – O detetive no seu escritório

O detetive recebe a visita de um oriental que revista o seu escritório.

Assim, na 1ª Ação, se se tiver como foco de leitura (ou seja, eleger-se, dentro da ação principal, uma ação mais relevante) a afirmação do detetive “que só prosseguirá a investigação se a cliente colocar todas as informações de que dispõe ao seu dispor”, as categorias determinariam as seguintes funções:

1ª Ação – O detetive no apartamento da cliente

**Agente** – o detetive, a cliente

**Objeto** – prosseguir a investigação

**Instrumento** – persuasão, coação

**Modo** – visita do detetive

**Lugar** – apartamento da cliente, manhã

**Produto** – informações da cliente

**Finalidade** – determinar o envolvimento da cliente

Alterando-se o foco de leitura, **Objeto**, para “determinar o envolvimento de cliente”, o **Instrumento** será a “investigação” e a **Finalidade** “o detetive prosseguir o caso”.

Na realidade, a alternância de focos permite falarmos nas várias leituras possíveis e equacionar o problema da ideologia, ou seja os discursos que cada leitor faz em cima de um mesmo texto, além de pôr em cheque as perguntas atribuídas às categorias, por exemplo, relativamente ao **Instrumento** e ao **Modo**.

Continuando na aplicação das categorias e exemplificando com a 3ª Ação do capítulo 4, “O detetive no seu escritório”, verificamos que nem todas as categorias determinam funções.

Ex.: 4º capítulo, 3ª Ação – O detetive no seu escritório

**Agente** – detetive, oriental, secretária

**Objeto**

**Modo** – conversa, ameaça

**Instrumento** – arma

**Lugar** – escritório, de tarde 17:10 h

**Produto** – revista do escritório

**Finalidade** – recuperar uma estatueta

O não-preenchimento do **Objeto** de ação deixa em suspenso a ação para os próximos capítulos, independentemente de já se encontrar delineada a finalidade (provisória ou não) da ação posterior, ou seja a recuperação de uma estatueta.

Começa-se, então, a esboçar a organização lógica do romance policial. Isto é, são colocadas as informações (premissas) sobre as quais se iniciam os raciocínios, os quais se organizam em dois sentidos: para a frente, encadeando premissas para construir a conclusão; para trás, partindo do problema a resolver e procurando dados que justifiquem tal objetivo.

Trabalha-se, então, ao longo dos capítulos com raciocínios sobre conhecimentos incertos ou imprecisos, na medida em que as informações são incompletas e tornecidas pouco a pouco, sob forma parcial e inconsistente, até se chegar à resolução do problema por hipóteses (absurdas ou confirmadas).

## "O FALCÃO MALTÊS"

A partir deste momento, trabalhamos os capítulos seguintes, usando, simultaneamente, a divisão em ações principais (com o critério colocado) e categorias determinantes de funções, tendo em consideração que não há uma verdade/possibilidade, mas várias, as quais são plausíveis em relação ao procedimento adotado.

Dado isto, entramos em algumas definições de lógica formal: sentença declarativa (sua constituição em átomo e molécula), premissas e argumentos, conectivos e suas alternativas, de forma a simbolizar e formalizar relações entre funções.

Ex.: Se **Policial** então **Detetive** (dois átomos construtores por implicação de uma molécula)

P       $\dashrightarrow$       D

**Os criminosos serão descobertos se e somente se a investigação**

C       $\longleftrightarrow$       I

**chegar a bom termo**

(dois átomos construtores por bicondicional de uma molécula)

**Ou a estatueta será descoberta ou não se encontram os assassinos**

D                       $\vee$ w                      A

(dois átomos construtores por exclusão e negação de uma molécula)

**Se a cliente matou o Sócio, ela faz parte do bando**

P                       $\dashrightarrow$                       Q

**Ela não faz parte do bando**

$\neg$ Q

**Ela não matou o sócio**

$\neg$ P

Forma padrão P  $\dashrightarrow$  Q  
 1ª premissa  
 2ª premissa  $\frac{\neg Q}{\quad}$   
 Conclusão  $\neg P$

Esse tipo de exercício permitiu-nos demonstrar os limites da Lógica Formal, independentemente do uso correto dos procedimentos adotados, na medida em que os sentidos-verdades dependem dos dados-informações manipulados (no Falcão Maltês, a Cliente matou o Sócio). O que nos leva a



concluir a importância das categorias colocadas na perspectiva de uma Lógica Modal determinante das funções pela competência, "performance" e virtualização no interior das ações. Com o fim de demonstrar esta questão, foram realizadas, pelos alunos, no fim da leitura do romance policial, sinopses individuais. Obtivemos dois "tipos" de sinopses, a que chamamos "sinopse-cliché" (envolvendo frases-feitas da crítica jornalística que objetiva a venda do produto-informação) e as "sinopses-resumo" (visando à descrição do produto-informação).

Ex.: "Sinopse-cliché"

"Novela de suspense e ação, que conta a trajetória do detetive Spade na busca de uma garota desaparecida. Porém, durante as investigações surge o motivo real das buscas: uma valiosa relíquia. Entre uma intrincada trama de assassinatos e surpreendentes revelações surge um desfecho inesperado."

"Sinopse-resumo"

"O livro passa-se em S. Francisco, Califórnia, no final da década de 20. Um detetive particular é contratado por uma cliente para encontrar sua irmã desaparecida em companhia de um homem perigoso. O sócio do detetive assume a investigação e é assassinado. Na mesma noite, o acompanhante da irmã morre. A polícia acusa o detetive das duas mortes. Procurado de novo pela cliente, esta confessa-lhe que inventou a história da irmã e o nome com que se lhe apresentou, mas afirma que está correndo perigo de vida. Logo em seguida, o detetive é procurado por um afeminado oriental, que se diz representante do proprietário de uma valiosa estatueta roubada. A partir daí, o livro torna-se um jogo de perseguições, alianças e traições entre a cliente, o oriental, o suposto dono da estatueta, seu ajudante, policiais e o detetive. Finalmente, o detetive, após conseguir apossar-se da estatueta, chama a polícia, avisa-a do paradeiro do suposto proprietário, de seu ajudante assassino e do oriental, entregando-lhe, ainda, a cliente como culpada da morte do sócio."

Em cima das duas "sinopses-tipo", procedemos à montagem das categorias, objetivando conferir funções semelhantes:

Ex.: Categorias	"sinopse-cliché"	"sinopse-resumo"
<b>Agente</b>	detetive Spade	detetive, cliente, outros
<b>Objeto</b>	desaparecimento da garota	estatueta
<b>Instrumento</b>	contratação dos detetives	pistas, indícios, alianças
<b>Modo</b>	investigação	investigação

## “O FALCÃO MALTÊS”

<b>Lugar</b>	S. Francisco	S. Francisco
<b>Produto</b>	encontro da relíquia	recuperação do objeto, identificação dos criminosos
<b>Finalidade</b>	recuperação da garota	désvendar a trama

O que nos coloca as seguintes indagações:

- 1ª – A “sinopse-clichê” elegeu como ação principal a que desencadeia o romance policial (1º capítulo, 2ª Ação: “no escritório o detetive é informado do problema da cliente”), enquanto a “sinopse-resumo” privilegiou o conjunto do romance;
- 2ª – A “sinopse-clichê”, além de não retratar o conjunto do romance, fragmenta a informação, veiculando-a de forma incorreta (o romance não é o “desaparecimento da garota”); enquanto a “sinopse-resumo” aponta para uma “tipologia” do romance policial, mantendo as especificidades do romance;
- 3ª – A “sinopse-clichê” apresenta como produto “encontro de relíquia”, algo que está fora da finalidade da ação – “desaparecimento da garota”;
- 4ª – As duas sinopses mantêm funções semelhantes para o detetive, a investigação e S. Francisco, o que nos permite colocar de novo a questão do foco/ideologia de leitura.

Para terminar o exercício, sugerimos a elaboração de um resumo, onde entrassem todas as funções de “sinopse-resumo” e sua respectiva formalização dentro dos parâmetros de lógica trabalhados. Entre os vários exemplos, selecionamos o que nos pareceu refletir mais adequadamente o romance policial analisado.

**Ex.: Spade é detetive em São Francisco. Brigid é cliente. Se a cliente**

	D	C	B
contratou o detetive então a estatueta será recuperada se somente se			
	E		
a investigação acontecer, as pistas forem decifradas e o detetive			
	I	P	A
identificar os culpados			

$$(D \& C) \& \left\{ B \text{-----} \rightarrow \left[ E \text{<-----} \rightarrow (I \& P \& A) \right] \right\}$$

Esta análise, realizada com alunos do 2º semestre, confirmou-nos a necessidade de treiná-los em mecanismos de abstração e processamento de dados/informações, o que procuramos fazer em simultâneo, trabalhando tanto com conhecimentos (o **catálogo de conhecimentos** que identifica um romance policial) como com processos cognitivos (o **catálogo de raciocínios** que permite resolver o crime e identificar culpados). Além disso, confirmou-nos, também, a necessidade, já anteriormente sentida, de trabalhar a lógica e a lingüística no sentido de explicitar e clarificar o processo de relevar e atribuir palavras-chave e conteúdos, operação que envolve mecanismos de inferência e de conhecimento da língua, no interior do chamado "bom-senso" ou "senso-comum" (os estereótipos, as ações principais).

E para finalizar, tentou-se testar, através desta análise com alunos que tiveram contato com disciplinas de Lógica ou com disciplinas de análise temática e descritiva, em Biblioteconomia, alguns recortes teóricos "em fazeres pragmáticos" (a questão dos focos, aplicação das categorias e suas definições) de forma a, com base nos resultados, incrementar reformulações e novas abordagens, tanto de procedimentos de análise documentária como de sistemas de aprendizado.

**Abstract** – Dashiell Hammett's *The Maltese Falcon* is used to demonstrate the objectives of the discipline Logic, proposed for the Library Science Curriculum. Interface with document analysis is also considered.

### Agradecimentos

Agradecemos aos alunos do 2º semestre de Biblioteconomia da ECA/USP, 1987. Em especial, aos alunos Valéria Martim Valls e Tabajara Medeiros de Rezende.

### Referências bibliográficas

- ANÁLISE DOCUMENTÁRIA: a análise da síntese. Brasília, IBICT, 1987.  
BRITAIN, J.M. Desenvolvimento de currículo nas escolas de Biblioteconomia para enfrentar o desafio da tecnologia da informação. *Ci.Inf.*, Brasília, 14(2): 109-25, 1985 jul./dez.  
COELHO, M. Conferência sobre inteligência artificial, proferida na FFLCH-USP São Paulo 1987.  
ECO, U. Pós-escrito a "O Nome da Rosa". Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.  
HAMMETT, D. *O Falcão Maltês*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.  
HEGEMBERG, L. *Lógica: exercícios*. São Paulo, EDUSP, 1987.